

1982

ano 44 • n.º 476 • dez 82



CER.J

3 O QUE É ECOLOGISMO?

Uma extensa matéria, da qual publicamos a primeira parte, extraída da revista espanhola El Viejo Topo, trata dos desdobramentos políticos da consciência ecológica na atualidade.

6 EDITORIAL

O CERJ faz um balanço rápido de suas atividades.

7 QUEDAS E CORDAS

Nosso assíduo colunista técnico Hein Robbert, comparece com importante matéria sobre segurança dinâmica no montanhismo.

8 PAREDÃO DO LEITOR

Informes, reclamações, críticas, sugestões...
Os leitores e associados se manifestam.

10 PROGRAMAÇÃO

O painel de nossas excursões até março, concluindo a Escola Técnica de Guias Excursionistas/82.

12 A ESCOLA DE GUIAS E A PRESERVAÇÃO DO MONTANHISMO

A segunda parte da análise do Santa Cruz sobre a importância da Escola de Guias para o montanhismo.

15 CONQUISTAS DO CERJ

Santa Cruz narra as aventuras da conquista do Diedro Salomyth, Quinto grau no Dedo de Deus.

16 A MORTE DAS FLORESTAS TROPICAIS

Traduzida por Egeu Simas, apresentamos uma extensa pesquisa de Alan Grainger, que, mais que isso, é uma denúncia e um alerta.



**CENTRO EXCURSIONISTA
RIO DE JANEIRO**

DIRETORIA

Presidente: Claudinho
Vice-Presidente: Elton
Secretária: Cida
Diretora Social: Lucia
Primeiro Tesoureiro: Jorjão
Segundo Tesoureiro: Etzel
Diretor Divulgação: Sta. Cruz



BOLETIM DO CERJ

Editores: Egeu e Sta. Cruz
Montagem e Arte final: Sonia
Capa: Jean Emile
Programação visual: Egeu
Biblioteca: Wagner Nen

**CENTRO EXCURSIONISTA
RIO DE JANEIRO**

Reuniões às quintas feiras
de 19 às 22 horas

o que é ECOLOGISMO?



SER ATIVO HOJE,
PARA NÃO SER
RADIOATIVO AMANHÃ

Depois de termos apresentado no nº 472 do nosso boletim, amplo artigo intitulado "O que é Ecologia — a Ciência que deu o sinal de alarme", que tratava da ecologia sob o enfoque científico, trazemos agora, extraída da revista Pensamento Ecológico de São Paulo, uma extensa matéria, a continuar nos próximos números, sobre o desdobramento político da consciência ecológica: O Ecologismo. Este material foi publicado, a princípio, em edição extra da revista espanhola El Viejo Topo, de Barcelona.

No decorrer dos últimos anos os temas vinculados à análise ecológica e suas derivações, tem passado progressivamente dos meios científicos aos grandes meios de comunicação de massas e, como consequência, ao conjunto da população. Sem dúvida, esta "popularização" tem conduzido a uma grande confusão a ser expressada em torno de certos aspectos concretos — que tendem a identificar a ecologia como o estudo ou a defesa de certas espécies e meios naturais. Do mesmo modo, os ecologistas só aparecem bem como românticos amantes da natureza, como furibundos e irracionais inimigos do progresso, ou como cientistas (biólogos, sociólogos...) que estudam diversas realidades de um enfoque pluridisciplinar. Atrás do ressonante êxito de certas candidaturas "verdes" em eleições europeias e o triunfo de múltiplas mobilizações antinucleares, o interesse tem aumentado ainda mais, sem que com isso a confusão haja diminuído sensivelmente. O objetivo das linhas seguintes é contribuir para aclarar o que é ecologismo, quais são suas bases e seus objetivos e qual tem sido sua linha de desenvolvimento ao longo dos últimos anos.

A ecologia surge como disciplina científica em meados do século 19, como ramo da biologia que planeja estudar as relações dos seres vivos com o meio ambiente em que se desenvolvem.

A complexidade deste estudo, à qual se soma a incidência fundamental dos ajuntamentos humanos sobre os diversos ecossistemas e, em última instância, sobre o conjunto da ecosfera, obriga a um rápido desdobramento de seu sentido inicial e seu passo progressivo à ciência globalizante que logo se verá obrigada a levar em conta o campo das ciências sociais. Desde este momento, e precisamente por este papel que joga a raça humana como causadora e vítima de grande parte dos desajustes atualmente existentes, a ecologia estava destinada a servir de base ao surgimento e consolidação de amplos movimentos sociais que se amparam em suas análises para sua atuação.

Surge assim uma primeira diferenciação, nem sempre tida em conta, entre a ecologia (ciência) e o ecologismo (movimento social e político).

Neste sentido, se podia dizer que tanto o interesse pelos estudos ecológicos como o desenvolvimento de movimento ecologista, são uma consequência do desenvolvimento espetacular das forças produtivas que temos assistido a partir da Revolução Industrial, baseado no consumo massivo do capital natural do planeta e na superexploração do trabalho de uma parte da humanidade, que tem conduzido a um sério deterioramento tanto do meio ambiente como da qualidade de vida da maioria da população do planeta, e para cuja análise os dados proporcionados pela ciência econômica não só eram insuficientes, como inclusive em muitos casos, contraproducentes dada sua vinculação ideológica à mitificação de uma certa concepção de progresso, característica do produtivismo capitalista, a qual raramente tem sido capazes de opor-se as diversas correntes marxistas.



Curupira, símbolo da Fundação Brasileira para Conservação da Natureza

AS ORIGENS DO MOVIMENTO ECOLOGISTA (ECOLÓGICO)

O movimento ecologista não surge pois de uma simples moda ou da mente "privilegiada" de certos intelectuais, mas sim da própria dinâmica das sociedades produtivistas e do acúmulo de problemas que estas engendram e que conduzem a confluência de diversos setores, inicialmente dispersos e inclusive contraditórios.

Com efeito, as primeiras mobilizações surgem de problemas pontuais que levam a que grupos de cidadãos lutem contra atentados flagrantes a suas condições de vida. Deste modo, nos encontramos com vizinhos que lutam contra condições infrahumanas de vivência, contra a contaminação ou as deficiências de transportes em seus bairros; com camponeses que pretendem evitar os danos de certas atividades industriais, de centrais térmicas e nucleares; ou com os habitantes de zonas costeiras afetadas por marés negras ou pelos dejetos de indústrias contaminantes. →

Estes movimentos pontuais vão confluir com um setor de intelectuais vinculados ao ensino e a investigação (pesquisa), alarmados com o crescente poder destrutivo de tecnologias que eles mesmos contribuem para criar e difundir. A confluência surgirá igualmente com outro setor em princípio mais tranquilo e integrado: biólogos e amantes da natureza, que levavam desde há muitos anos antes, ações de sensibilização em torno da degradação do meio natural ou a extinção de certas espécies.

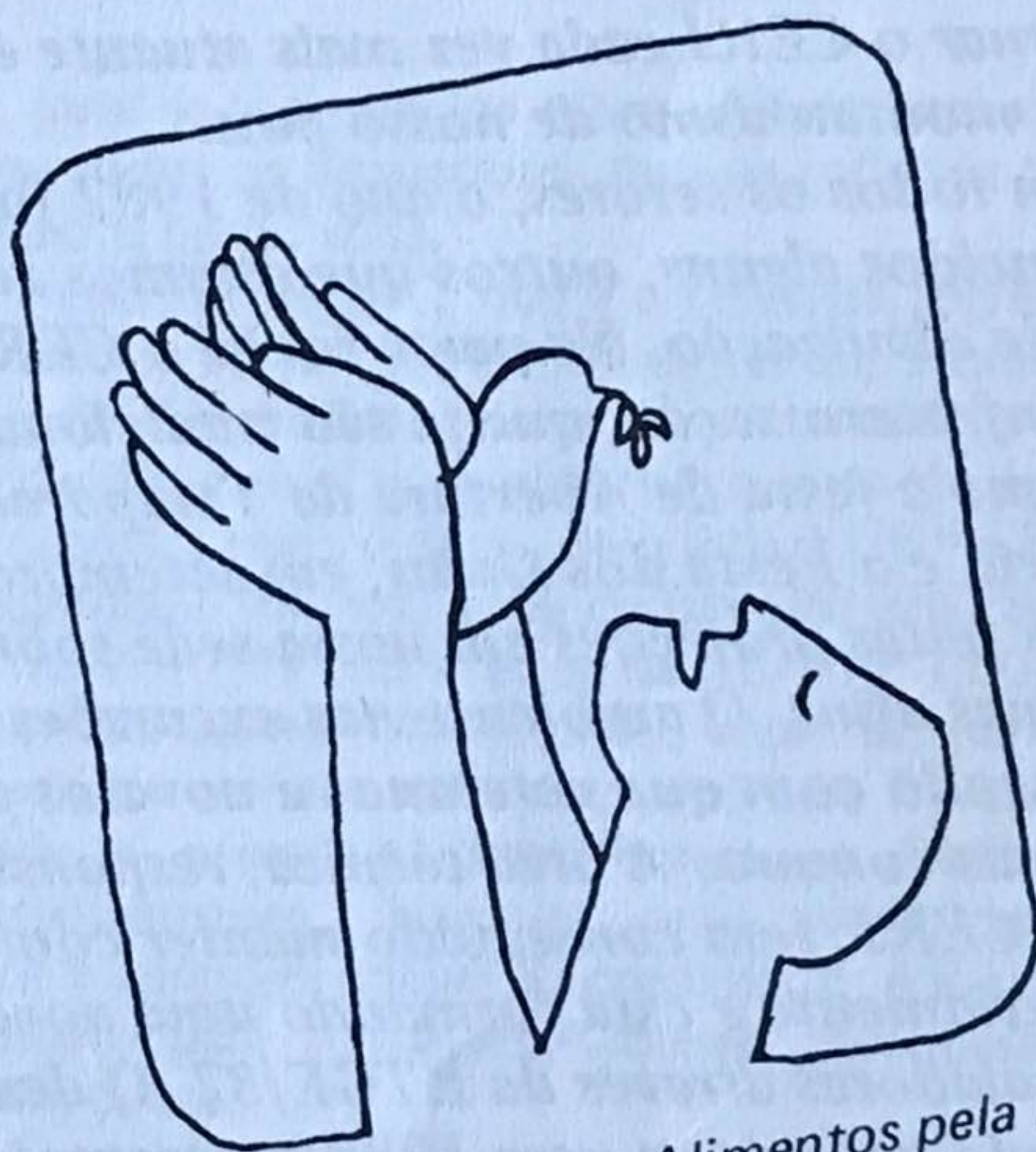
A unificação de todo este conglomerado em torno de objetivos concretos e de forma mais ou menos organizada, se delineará de modo explícito atrás dos acontecimentos de maio de 68, quando grande número de militantes políticos e sindicais desiludidos com a prática das organizações tradicionais afluíram para este novo tipo de setor, setores estes que tinham a virtude de fazer frente a problemas reais e imediatos em lugar de limitar-se ao parcelamento do sistema ou ao estéril debate grupuscular.

Estes novos contingentes que progressivamente se integraram às filas do ecologismo, lhe deram uma importante base de militância, ao mesmo tempo que uma certa experiência política que evitará, em grande medida, sua absorção pelo sistema.

Junto aos setores anteriores, outras correntes vinculadas entre si pelo amor à natureza, mas cuja perspectiva não ia mais além do que pequenas seitas de iniciados, descobrem no ecologismo a corrente que marca e dá sentido globalizador a suas inquietudes.

Deste modo, irão aderindo ao crescente movimento, médicos e curandeiros partidários de um enfoque não consumista dos problemas da saúde; vegetarianos e macrobióticos, partidários de uma alimentação mais sã; clubes ciclistas, defensores de uma forma de transporte agradável e não contaminante; clubes de excursionismo e alpinistas.

Uma vez que o movimento vai caminhando em alternativas globais de certa envergadura, aparecem novas confluências, particularmente com movimentos regionais, de ação não-violenta, feministas, autogestionários que vão trazendo um enriquecimento dos objetivos iniciais e uma maior capacidade de mobilização ante os problemas concretos.



Movimento Alimentos pela Paz

Este conjunto de correntes vão se consolidando em torno do objetivo de fazer da Terra um planeta habitável e, com a prática imediata, com a contestação das centrais nucleares, que são tomadas como símbolo do sistema industrial-tecnocrático dominante.

A partir da análise das derivações da problemática tecnológica, o movimento vai sendo capaz de assumir uma crítica dos modelos econômicos vigentes e, portanto, de passar a uma atuação claramente política que, ao desdobrar os problemas iniciais de simples defesa do meio ambiente, sem por isso abandoná-los, vai formando um movimento de transformação global das condições de trabalho e de vida.



Editorial

Chegamos ao final de 1982, com a certeza de que prosseguimos no sentido de tornar o CERJ cada vez mais atuante e representativo, no montanhismo de nosso país.

Em todos os setores, o ano de 1982 foi marcado por uma série de desafios, vencidos alguns, outros que estamos vencendo, nas áreas social, técnica, financeira e de divulgação. Na parte social o CERJ continua promovendo festas de confraternização, que já são tradicionais no calendário do montanhismo, como a festa de Abertura da Temporada de Montanhismo, em abril, e a Festa dos Guias, em setembro. Além disso, sempre que possível, são feitas projeções em nossa sede sobre excursões, escaladas, viagens e temas afins. O ambiente nas excursões e no Centro, tem sido o melhor possível, fazendo com que veteranos e novatos prossigam unidos em busca de ideais comuns. A área técnica, responsável pelas excursões e escaladas do CERJ, tem conseguido manter com sucesso a programação organizada previamente e está formando uma nova geração de guias montanhistas e escaladores através da ETGE/82. O desafio da Escola de Guias está sendo vencido, e para 1983 esperamos realizar uma nova escola, desta vez de maneira que sobrecarregue menos as atividades do Centro. Na área financeira, foi introduzida a cobrança das mensalidades dos sócios contribuintes por meio de guias bancárias, que podem ser pagas em qualquer agência do Unibanco. Os sócios proprietários, caso queiram, também podem fazer contribuições em prol do CERJ, por meio destas mesmas guias. Na área de divulgação, temos tido sucesso em manter o boletim dentro das possibilidades humanas e financeiras. Esperamos, como nos demais setores, melhorar ainda mais no ano que vem.

O mais importante é o clima de amizade e companheirismo que reina no Centro, pois é ele que sedimenta a nossa união – levando todos a participação ativa, criticando e apresentando soluções, contribuindo assim para o desenvolvimento de nossas realizações.

As perspectivas para 1983 são promissoras, pois estamos conscientes dos desafios e contamos com todos os cerjenses na luta para que juntos possamos continuar indo à montanha com a mesma humildade, dedicação e alegria.

A Diretoria

TESTE QUEDAS e CORDAS

Hein Robbert

Você está num paredão mais ou menos vertical, bem instalado num platozinho e com auto-segurança. O primeiro da cordada está a cinco metros acima de você, sem segurança intermediária. E cai.

O que você faz?

-
- A) Fica firme, agüenta o impacto sem ceder sequer um centímetro da corda;
 - B) Recolhe rapidinho tanta corda, quanto possa, agüenta o choque e não cede nadinha;
 - C) Ao impacto, deixa passar vários metros de corda, freiando gradativamente.
-

Você escolheu A? Errado! O fulano vai cair $5 + 5 = 10$ metros (não tomando em conta a elasticidade da corda) enquanto há somente 5 metros de corda disponível para absorver o impacto. Portanto a razão queda/corda disponível, o chamado *fator de queda*, é de $10/5 = 2$. Teoricamente o pior que pode acontecer.

Teoricamente o pior? Então deve ser a resposta B, para encurtar a queda. Mas tem que se mexer! Uma queda livre de 10 metros dura apenas 1,43 segundos.. Porém, alerta e ágil como você é, consegue recolher um metro de corda antes de receber a pancada. Mas... que diabo?! O impacto parece ser mais forte ainda! Exatamente: o cara cai $5 + 4 = 9$ metros e o choque será absorvido por $5 - 1 = 4$ metros, portanto uma queda fator $9/4$, ou seja 2,25!! Paradoxalmente, recolher a corda foi a pior coisa que você podia ter feito, a não

ser largá-la e fechar os olhos. Ainda bem que nem todos os escaladores tem os reflexos tão afinados como você.

Resta somente C, que é a resposta correta. Se deixar correr um metro de corda, a queda será de 11 metros, porém o comprimento da corda disponível para absorver o impacto é de 6 metros, sendo o fator de queda $11/6 = 1,83$. Cedendo 2 metros, você conseguirá um fator de $12/7 = 1,71$ e 5 metros dá $15/10 = 1,50$, e assim por diante. Além disso, você não pára a queda de maneira abrupta, você está freiando desde o princípio, amortecendo o impacto gradativamente. Torna-se mais suave, para você e para o primeiro da cordada. E, é lógico, também para o material: corda, mosquetão, grampo, etc.

É a chamada *segurança dinâmica*. Existem várias técnicas para realizá-la, que serão descritas em outra ocasião.

Claro! A segurança dinâmica deve ser aplicada de uma maneira inteligente. Se logo abaixo do seu platozinho encontram-se bicos de rocha em cima dos quais o primeiro da cordada vai espatifar-se, não há nada que você possa fazer, a não ser rezar (porém neste caso o primeiro não devia ter feito o lance sem segurança intermediária). No entanto, se aquelas rochas encontram-se digamos a 7 metros abaixo de sua plataforma, é evidente que seria criminoso deixar correr a corda: seu companheiro ia chegar lá à cerca de 55 km/hora e machucar-se mesmo. Num caso desses, você deve agüentar firme, como na solução A, e esperar que você e o seu amigo escapem desta sem quebrar, no mínimo, algumas costelas.

Lit.: Hermann HUBER, 1978 — *Bergsteigen heute* (Bruckmann, München), p. 147.

VETERANO VOLTA À ATIVA

Registramos com satisfação o retorno às montanhas de Emil Mesquita. Acreditamos que isso servirá de incentivo aos antigos montanhistas para que retornem ao CERJ.

Laerte

NÃO FAZER BARRA NO SÃO BORJA

Acredito que os frequentadores do CERJ, sócios ou não, são pessoas conscientes e irão compreender que não se deve escalar as paredes dos corredores. Vamos deixar as escaladas para as montanhas. Mesmo porque, existe uma diferença fundamental entre as frizas dos corredores do São Borja e as montanhas: lá elas são de rocha enquanto aqui são de gesso, cedendo facilmente ao peso de uma mosca escaladora mais intrépida.

Claudinho

CONQUISTAS EM ANDAMENTO

Continuaremos conquistando novas montanhas em 1983. Agora mesmo estamos prosseguindo cinco novas escaladas: no Vale dos Frades, no Dedinho, Pão de Açúcar, Escalavrado e outra em Grumari. Além disso, não queremos esquecer abandonadas antigas escaladas e as regrampeações necessárias da Agulha do Diabo e outras importantes montanhas.

Mario Arnaud

FUTEBOL DE SALÃO NUM SÁBADO DE CHUVA

A idéia é a seguinte: num sábado desses, em que estiver chovendo — e como tem chovido nos fins de semana! poderíamos organizar um torneio de futebol de salão para esquecer a chuva que não nos deixa escalar, e ao mesmo tempo fazer um bom exercício físico e mental. Times mistos de vôlei também poderiam ser armados. Já temos alguns entusiastas. Quem se habilitar fale comigo. Quem sabe com isso não pára a chuva constante dos sábados?

Marcelo

CERJ AGORA ABRE MAIS CEDO: 19 HORAS

Agora, o CERJ está abrindo todas as quintas feiras às 19 horas. A Diretoria está procurando manter revestimento para que nenhum associado corra o risco de encontrar a sede fechada. A idéia é chegar mais cedo para que ninguém precise sair muito tarde e chegar atrasado no trabalho na sexta feira.

Além disso, estamos mantendo a cantina abastecida e pretendemos ampliá-la para que o associado venha direto do trabalho fazer um lanche no CERJ. Isso aumentará o movimento financeiro do Centro ao mesmo tempo em que não descuida da capacidade física dos associados.

Elton

FESTA DOS GUIAS: ALEGRIA RENOVADA

Como em todos os anos, no mês de setembro, realizamos a Festa dos Guias: uma homenagem do CERJ aos guias montanhistas e escaladores de todas as gerações.

Num ambiente de muita alegria e confraternização, estavam presentes representantes das épocas heróicas, como Reinaldo Benkel, Ervé Muniz, Mario Franke e outros, não tão antigos, mas já veteranos, como Nelson Bravin e Rodolpho Kern. Isso sem falar dos guias em atividade e dos futuros guias, alunos da ETGE/82.

Poucas vezes o CERJ esteve tão cheio. Cada um que chegava trazia seu prato de doces ou salgados e seu calor para a festa. Muito nos honrou a presença de companheiros do CEB e de diversos convidados e familiares dos sócios do CERJ que alegraram a festa.

Foi realmente uma festa inesquecível, pela espontaneidade e pelo clima fraterno com que nos reunimos para celebrar a importância do guia para o montanhismo.

Inesquecível também, foram as palavras emocionadas de Salomyth, após ter recebido das mãos do DT do CERJ relatório do Diedro Salomyth, conquista conjunta do CEB-CERJ no Dedo de Deus.

Lucia

CAMPANHA DA SEDE CAMPESTRE

Em 1983, vamos iniciar a campanha de fundos para aquisição de uma sede campestre para o CERJ. O Conselho Deliberativo já autorizou a emissão de novos títulos de sócio-proprietário. Se você ainda não é proprietário eis aí a oportunidade de tornar-se membro efetivo do Conselho Deliberativo (isso porque o Conselho é formado por todos os sócios-proprietários, mais 1/3 dos sócios-contribuintes eleitos bienalmente).

Além disso você estará ajudando o CERJ na campanha de sua sede campestre. Você pode também, caso já tenha, comprar mais um título, para seu filho, por exemplo. A campanha está apenas começando. Há muitas idéias, como churrascos, rifas e mobilização dos associados. Esperamos em breve realizar esse sonho de todos nós.

Jorjão

FOTOGRAFIAS PARA O CERJ

Você pode participar do nosso concurso permanente de fotografias relacionadas com o montanhismo. É só trazer suas fotos para o CERJ. Elas estarão sendo apreciadas por um número de pessoas muito maior do que você pensa. Não esqueça também de enriquecer os álbuns do nosso acervo fotográfico com algumas doações.

Willy

CAMPO ESCOLA NA BASE DO C.E.P.I.

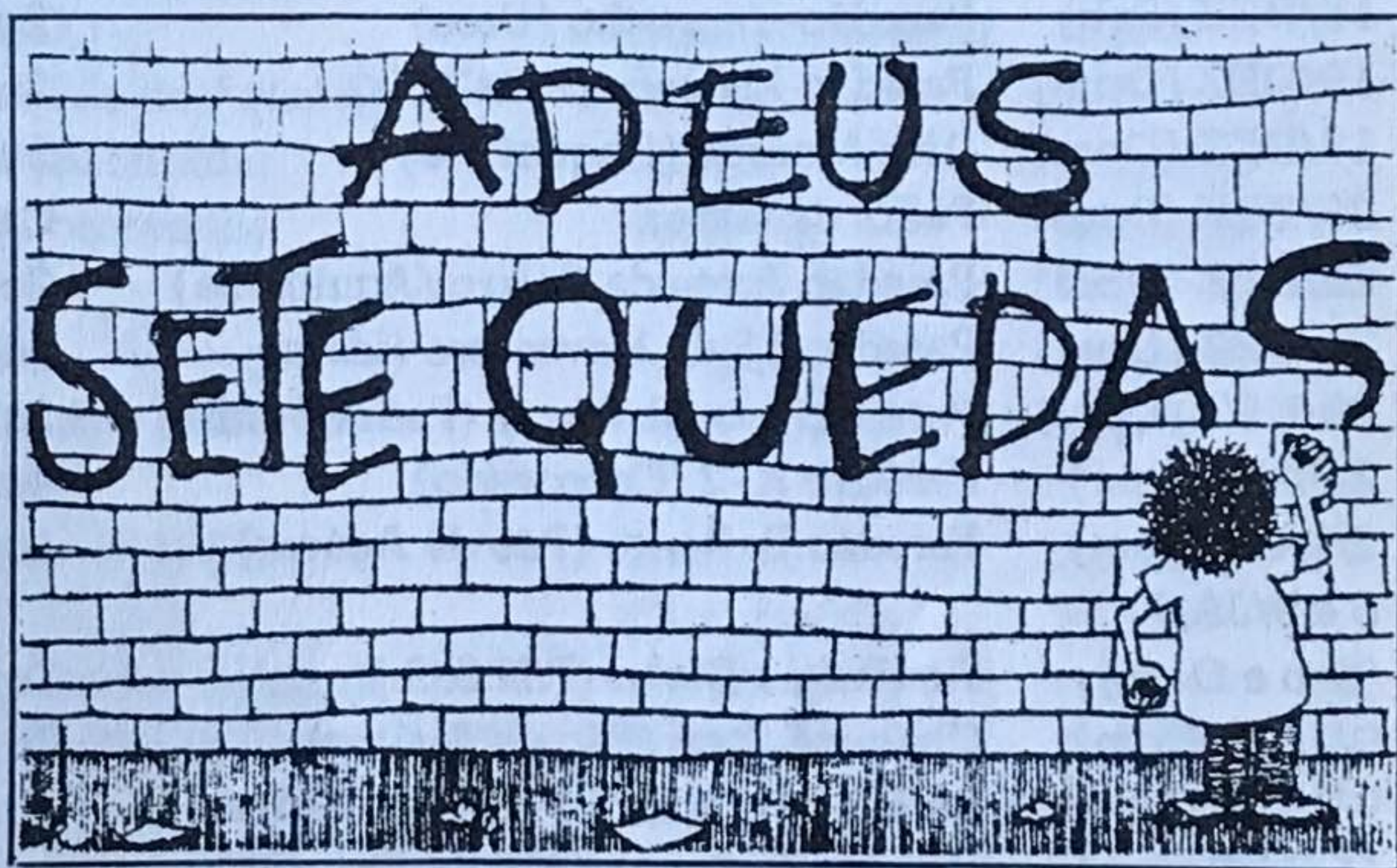
Já pode ser utilizado o Campo Escola de Resgate em Negativos localizado à direita da base do C.E.P.I., no Pão de Açúcar. É ir lá para conferir e colocar em prática as técnicas.

Hein

MELHORIAS EM NOSSA SEDE

O CERJ está precisando de uma enceradeira e de uma pia de cozinha para a cantina (mesmo usadas). Quem puder ajudar de algum modo, entre em contato com a Diretoria.

Lucia



E acabaram com o salto das Sete Quedas no Rio Paraná. Conseguiram em menos de uma década sepultar sob as águas de uma represa construída em nome de um progresso que se autojustifica, uma das maravilhas do planeta Terra.

Muito tem sido escrito sobre Sete Quedas. Todo mundo está indignado nos bares, escolas e esquinas. Mas agora é tarde. Depois de feita a represa de Itaipu, com seus bilhões de dólares investidos, é tarde, muito tarde e só nos resta chorar por Sete Quedas.

Mas há outras maravilhas

em nosso planeta ainda não destruídas e que merecem ser preservadas a todo custo, como a floresta amazônica, por exemplo.

Devemos guardar a nossa indignação, mas lembrar que seria possível escolher um projeto de hidrelétrica que preservasse Sete Quedas, se toda a população se mobilizasse para que o progresso tivesse como objetivo a felicidade geral e não a produção e as estatísticas oficiais.

Para que haja futuro precisamos lutar por uma política ecológica.

Santa Cruz

DATA	EXCURSÃO	TIPO	GUIAS
11 e 12/DEZ (Sab e Dom)	Travessia Rebouças/Mauá (Itatiaia)	Cam. pesada	Jorjão/Magnago
18/DEZ (Sab)	Paredão S. Bento (Pão de Açúcar)	1o. grau	Magnago/Laerte
18/DEZ (Sab)	Paredão S. Dumont (Pão de Açúcar)	1o. grau	Ney/Egeu
18/DEZ (Sab)	Paredão Preto (Urca)	2o. grau	Abdu
18/DEZ (Sab)	Paredão Vermelho (Urca)	2o. grau	Jorjão
19/DEZ (Dom)	Paredão Phoenix (Babilônia)	2o. grau	Egeu
19/DEZ (Dom)	Alto Mourão (Itaquatiara)	5o. grau	Magnago
26/DEZ (Dom)	Pedra da Gávea	Cam. semipesada	Laerte
26/DEZ (Dom)	Paredão Jorge de Castro (Aguilhina)	2o. grau	Jorjão
26/DEZ (Dom)	Paredão 15 de Novembro (idem)	2o. grau	Magnago
26/DEZ (Dom)	Paredão Lionel Terray (Pedra Bonita)	2o. grau	Egeu
2/JAN (Dom)	Paredão K-2 (Corcovado)	4o. grau	Jorjão/Ney
2/JAN (Dom)	Paredão S. Bento (Pão de Açúcar)	1o. grau	Egeu
8 e 9/JAN (Sab e Dom)	Agulha do Diabo (P.N.S.O.)	3o. grau	Egeu/Jorjão
9/JAN (Dom)	Chaminé Stop (Pão de Açúcar)	3o. grau	Magnago/Amélio
9/JAN (Dom)	Paredão S. Dumont (Pão de Açúcar)	1o. grau	Laerte
15/JAN (Sab)	Paredão S. Bento (Pão de Açúcar)	1o. grau	Jorjão
15/JAN (Sab)	Paredão S. Dumont (Pão de Açúcar)	1o. grau	Magnago
16/JAN (Dom)	Travessia dos Olhos (Gávea)	3o. grau	Jorjão/Egeu
16/JAN (Dom)	Travessia da Orelha (Gávea)	2o. grau, III	Amélio/Abdu
20 a 23/JAN (Qui-sex-Sab-Dom)	Concentração em Itatiaia	Acampamento	Egeu/Amélio
22/JAN (Sab)	Paredão Salomyth (Babilônia)	3o. grau	Abdu
29/JAN (Sab)	Paredão Olimpo (Aguilhina)	3o. grau	Amélio
30/JAN (Dom)	Paredão Soleil (Babilônia)	3o. grau	Ney/Abdu
5/FEV (Sab)	Paredão K-2 (Corcovado)	4o. grau	Amélio
6/FEV (Dom)	Meu Castelo (Petrópolis)	Adestram.	Ney
12 a 15/FEV (Sab-Dom-Seg-Ter)	Concentração em Salinas (Friburgo)	Acampamento	Egeu
19 e 20/FEV (Sab e Dom)	Trav. Long. Agulhas Negras (Itatiaia)	1o. grau	Amélio
20/FEV (Dom)	Paredão Lionel Terray (Pedra Bonita)	2o. grau	Ney
5/MAR (Sab)	Paredão Áz de Espadas (Pão de Açúcar)	5o. grau	Ney

PROGRAMAÇÃO

JANEIRO 82 ATÉ MARÇO 83 EXCURSÕES

DATA	EXCURSÃO	TIPO	GUIAS
5/MAR (Sab)	Chaminé Gallotti (Pão de Açúcar)	5o. grau	Amélio
5/MAR (Sab)	Paredão Coringa (Pão de Açúcar)	3o. grau	Magnago
6/MAR (Dom)	Paredão K-2 (Corcovado)	4o. grau	Abdu
6/MAR (Dom)	Paredão Itaquiatiara	3o. grau	Ney/Jorjão
6/MAR (Dom)	Morro do Tucum (Itaquiatiara)	Cam. leve	Laerte
12/MAR (Sab)	Polegar (P.N.S.O.)	Cam. semipesada	Laerte
13/MAR (Dom)	Chaminé Stop (Pão de Açúcar)	3o. grau	Jorjão/Ney
13/MAR (Dom)	Paredão Soleil (Babilônia)	3o. grau	Magnago
19/MAR (Sab)	Paredão K-2 (Corcovado)	4o. grau	Magnago
19 e 20/MAR (Sab e Dom)	Capacete (Salinas-Friburgo)	5o. grau	Jorjão/Abdu
idem	Pico Menor (Salinas-Friburgo)	Cam. pesada	Laerte
26 e 27/MAR (Sab e Dom)	Agulha do Diabo (P.N.S.O.)	3o. grau	Amélio
idem	São João (P.N.S.O.)	Cam. pesada	Laerte
26/MAR (Sab)	Marisel (Irmão Menor Leblon)	4o. grau	Abdu
idem	Paredão Paulista (Irmão Menor Leblon)	3o. grau	Egeu/Magnago

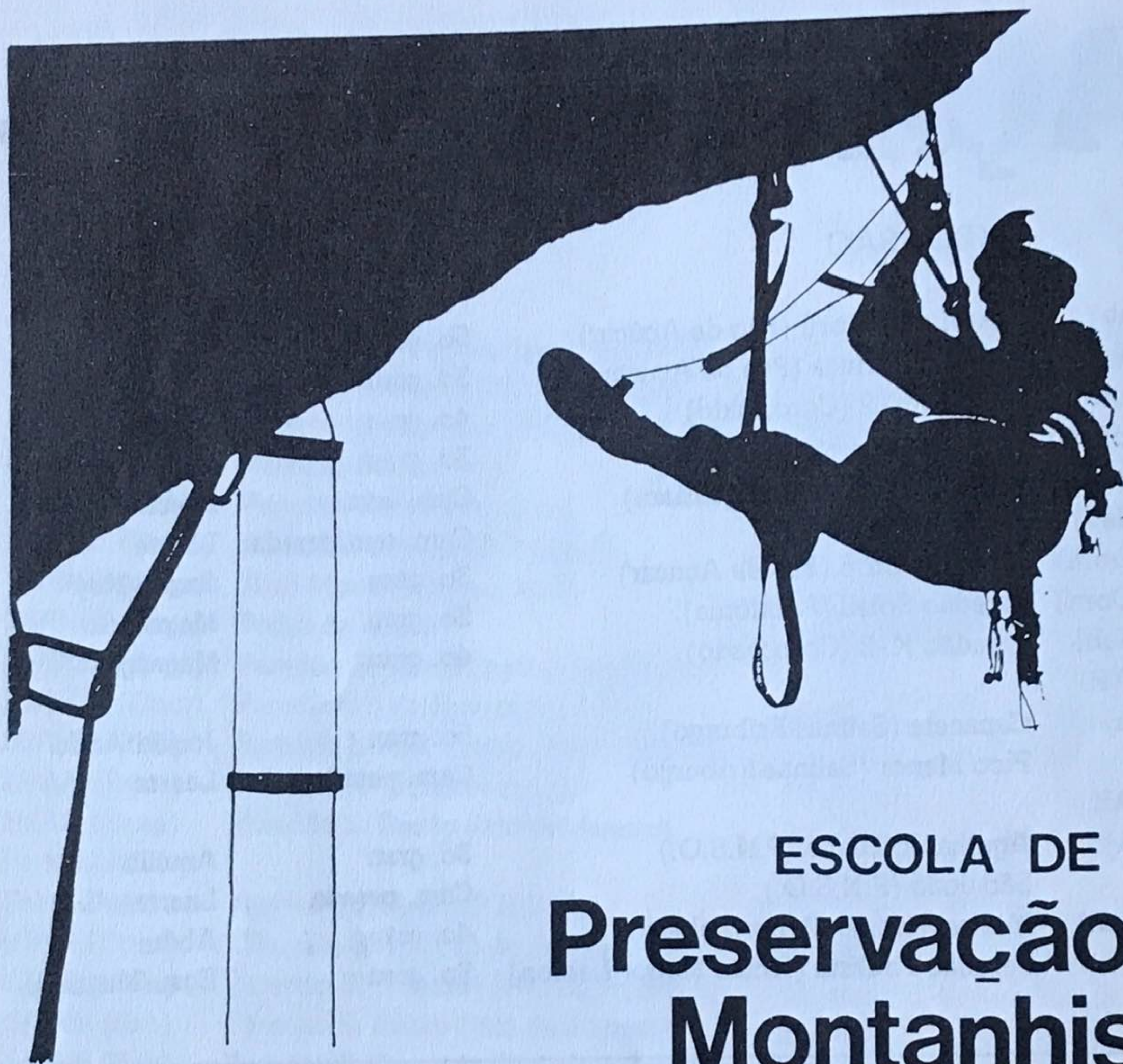
Ai está a Programação Técnica do CERJ, até março de 1983. São 45 excursões: caminhadas, escaladas e acampamentos, todas elas guiadas pelos alunos da Escola Técnica de Guias Excursionistas do CERJ (ETGE/82), que estão iniciando o estágio prático – a última etapa da formação de guias montanhistas e escaladores.

Além dessas excursões, muitas outras serão programadas eventualmente nas reuniões de quinta feira na sede, em função da participação dos guias e associados do CERJ.

Importante ressaltar que essas excursões, muitas delas com acampamento ou bivaque, outras de elevada técnica, serão todas organizadas e lideradas pelos alunos da ETGE/82. Desse modo, conclamamos os veteranos guias do CERJ para que participem dessas excursões, pois a presença desses experientes montanhistas e escaladores é decisiva na observação do estágio prático da ETGE/82.

Sem essa presença, estarão comprometidos os prazos de conclusão da Escola de Guias, pois esperamos diplomar os novos guias no dia 7 de abril de 1983, na festa de Abertura da Temporada de Montanhismo de 1983.

Maurício Gravina ABDU, EGEU Laus Simas, Jorge Maurício Nazareth (JORJÃO), LAERTE Freitas Santana, Antonio Edmar MAGNAGO, AMELIO Montinelli e Luis Carlos Barbosa (NEY) constituem a nova leva de guias. Neles depositamos nossas esperanças, para que juntos possamos construir um montanhismo solidário e atuante.



ESCOLA DE GUIAS: Preservação do Montanhismo

No último boletim do CERJ, iniciamos a publicação de artigos sobre os Cursos destinados a formação de guias montanhistas e escaladores. Esses Cursos, conhecidos como Escolas de Guias possuem uma importância muito maior do que se pode imaginar à primeira vista, pois são justamente eles que possibilitam a preservação do montanhismo praticado nos Centros Excursionistas (C.E.'s) de forma amadora e não competitiva. Esse assunto está longe de ser esgotado. Por esse motivo, voltamos a ele nesta edição, dando novos enfoques ao problema. Procuraremos inclusive, na terceira parte, em próximo número, fazer um balanço pormenorizado da ETGE/82 do CERJ, que esperamos terminar em março do próximo ano, com a formação de novos guias, coincidindo com o início da Temporada de Montanhismo de 1983.

Como todos sabem, um dos objetivos principais de um C.E. é a formação de guias, capazes de planejar, organizar, realizar e liderar excursões com segurança e eficiência.

Devido a todos os obstáculos que precisam ser ultrapassados, a formação de guias é um processo que requer muita dedicação e seriedade. Não só por parte dos candidatos a guias como também daqueles que já são guias e pretendem organizar e manter uma Escola.

Nos últimos 10 anos, tem sido uma tarefa muito difícil manter uma Escola de Guias. Dificuldades estas que não existem apenas no CERJ mas em todos os C.E.'s que, muitas vezes isoladamente, lutam cada a um a sua maneira, para que a chama do montanhismo solidário e fraterno não venha a se apagar.

Uma Escola de Guias exige muito, mas é um esforço que compensa. Mesmo que muitos fiquem pelo caminho, aqueles que não desistem e conseguem se formar continuam a ajudar a formação de novos guias. E os que desistem, podem no futuro mudar de idéia e fazer a próxima escola de guias, pois não devemos esquecer que o montanhista é antes de tudo um obstinado!

Como mostramos no boletim anterior, o CERJ organizou no ano de sua fundação, a primeira escola de guias do país. Durante muitos anos, periodicamente (em geral a cada dois anos) o CERJ ofereceu cursos de Guias de elevado padrão teórico e prático.

O CERJ daquela época, bem como os demais C.E.'s, vivia o *boom* do montanhismo e do excursionismo, incentivado por uma série de situações conjunturais que possibilitaram que, há uns 25 anos, existissem no Rio de Janeiro dezenas de C.E.'s e entidades congêneres, além de coluna semanal em jornal de grande circulação, programa semanal de rádio, ampla divulgação e elevado número de participantes.

Nos anos subseqüentes, com poucas fases em que um ou outro C.E. esteve bem de movimento social e técnico, a maré vasante predominou e foi diminuindo a quantidade de adeptos do montanhismo. E com essa vasante, diminuiu também a formação regular de guias.

Muitos C.E.'s e pequenos clubes que propunham a mesma prática do excursionismo, montanhismo e preservação da flora, mananciais e fauna (precursora da conscientização

ecológica, hoje um dos pilares de sustentação e motivação de todos os C.E.'s), vieram a sucumbir, não resistindo às dificuldades econômicas e mudanças de comportamento que afastaram muitos adeptos dos clubes. Alguns desses clubes são bastante conhecidos até hoje, sendo que muitos de seus integrantes vieram juntar-se ao CERJ e outros C.E.'s que sobreviveram. Entre outros, para se ter uma idéia, desapareceram os clubes: C.E.P.I., K-2, Morro Azul, Alpino Grajaú, Universitário, Ramos e Engenho de Dentro.



A verdade é que, esses C.E.'s não conseguiram superar suas crises, muitas delas advindas das mudanças sociais introduzidas a partir de fins dos anos 50. O principal agente que afastou muitas pessoas dos C.E.'s foi o automóvel, que possibilitou uma maior liberdade a grupos que iam se afastando cada vez mais, acabando por dispensar o clube e realizar suas excursões particularmente.

Desse modo, gradativamente, diminuíam as excursões com ônibus fretado e acampamento que proporcionavam uma maior aproximação das pessoas e que durante muitos anos tinha sido uma das mais eficientes maneiras de trazer novos sócios e manter os C.E.'s — social e financeiramente. →



Deve ser lembrado que um C.E. não se destina apenas a realizar escaladas difíceis. Estas, devem ser também realizadas, mas o importante é uma programação variada com caminhadas leves e pesadas, escaladas fáceis, acampamentos e se possível conquistas. A programação deve varrer todo o espectro de solicitação dos sócios — e grande parte dos associados gosta mesmo é de um bom passeio leve, com caminhada e acampamento, em que possa levar os amigos e filhos.

Assim como a formação de guias, manter uma programação bem balanceada com excursões em todos os níveis é imprescindível para um C.E. que almeje o futuro.

Como dizíamos, o processo de esvaziamento do montanhismo, foi bastante acentuado a partir dos anos 60, mas o CERJ teve a felicidade de sobreviver e mais que isso, conseguiu concretizar um sonho que vinha sendo acalentado desde a sua fundação em 1939: a aquisição da sede própria. Hoje, aí está a nossa sede do Edifício São Borja, muito bem localizada, com metrô na porta, estacionamento, elevador a qualquer dia e hora que precisarmos (A história da compra da sede, que os novos sócios

ouvem nas excursões, será contada em próximas edições do boletim).

Agora o CERJ está partindo para um novo desafio: o início da campanha para a compra de um terreno para a nossa futura sede de montanha. A participação de todos os sócios será fundamental para que num prazo não muito longo possamos ter uma sede de montanha. Temos que olhar para o futuro com a certeza de que, com a participação de todos, poderemos realizar os nossos sonhos.

Contudo nenhum sonho pode ser concretizado em um C.E. que não tenha guias. Isso porque sem guias não há C.E. que assim possa ser chamado. Em qualquer situação, em todas as épocas, com crises ou fora de crises, a presença do guia é fundamental num C.E.

Por isso estamos felizes e orgulhosos com a perspectiva da conclusão da Escola de Guias de 1982 do CERJ (E.T.G.E/82).

Temos certeza que a partir da conclusão dessa E.T.G.E, a próxima escola de guias programada para começar assim que essa acabar, será uma tarefa menos árdua do que tem sido a deste ano. Pois os guias formados na E.T.G.E./82, nos ajudarão a formar os guias da E.T.G.E/83. Esperamos contar também com uma maior participação dos guias veteranos, que muito poderão contribuir nas aulas teóricas e práticas e na supervisão do estágio prático.

Não temos a menor dúvida que manter um curso de guias vale qualquer sacrifício, pois é um investimento com retorno, e para nós, esse retorno significa: mais excursões em qualidade e quantidade. Manter uma escola de guias é o montanhismo no seu verdadeiro caminho.

Mas, não esqueçamos: muito do que somos devemos aos companheiros do passado, que não pouparam esforços no sentido de nos dar uma sólida formação teórica e prática como guias e exemplos de amor e dedicação ao montanhismo e a seus semelhantes. Alguns desses cerjenses se afastaram, mas, esperamos a cada quinta feira à noite, que eles surjam pela porta da sede para ficar. Muitos continuam ombro a ombro, sentinelas para lutas que virão. Outros já se foram, levados pelo vento do tempo, que nos levará também um dia. Mas um ideal frutificou e dignificou suas vidas. ●

Diedro Salomyth

DIEDRO SALOMYTH

Escalada de Quinto Grau, V

Face Sudeste do Dedo de Deus (1.692m)

Parque Nacional da Serra dos Órgãos PNSO

Município de Magé, RJ

Início da escalada: Após a bifurcação no caminho que vai para a Face Leste. Possui duas interligações com a Face Leste e pode ser feita ligação com a Face Sul, mas é uma escalada completamente independente e tal como a Face Sul atinge o cume sem utilizar a escadinha final.

No dia 18 de julho de 1982, uma equipe mista do CERJ-CEB atingiu o cume do Dedo de Deus pela sua mais nova via de acesso (a quarta conquista, desde a primeira em 1912). Segue a face sudeste numa sucessão diversificada de lances, que certamente agradarão os escaladores que apreciam escaladas técnicas e aéreas. A nova escalada levou mais de quatro anos para ser concluída, e envolveu em sua conquista a participação dos seguintes montanhistas: Zaib, Sayão, Santa Cruz, Lucia Ladeira, Henrique Sobreira, Marcel Magno, Daniel Bernardes, Sant'Anna, Betinha, Ula Vidal, Paulo André, Paulo Gordo, Renata, Renan Lanzilote, Ney, Luiz Paulo, Cida, Saulo Araujo, Laura Peres, Sonia Travassos, Maurício Mota, Carlos Krause, Amélio Montinelli, Mario Arnaud e Willy Chen.

A participação de todas essas pessoas, nesses quatro anos, possibilitou a realização dessa conquista. Foram ao todo 16 investidas, mais de 60 grampos e uma perseverança muito grande.

Não foi nada fácil a conquista do Diedro Salomyth, mas agora está lá para quem quiser escalar.

A conquista estava planejada desde janeiro de 1974, quando Zaib e eu fizemos uma exploração no local. Somente em 1977 conseguimos equipamento adequado para a iniciarmos.

Lembro-me da primeira investida, quando Sayão, Zaib e eu subimos, cada um com 20 quilos de equipamento às costas, toda a caminhada desde a estrada até a Gruta Bendy. Lá chegamos exaustos e dormimos o sono dos justos ao mesmo tempo em que desabava um temporal digno de Noé. Pretendíamos ficar 3 dias naquele universo de paraíso e aventura. O dia seguinte amanheceu maravilhoso. Fomos até o Polegar estudar as possibilidades da rota a seguir. Por fim, entre as muitas opções Zaib seguiu em diagonal com segurança de cunhas e bateu um grampo de 1/2 (Este grampo, hoje, é o quarto da escalada). Estava iniciada a conquista daquele que levaria o nome de Diedro Salomyth. Depois disso, muita água já desceu pelo Dedo. Muitos lances de fissura, oposição, agarra, chaminé, teto, aderência, equilíbrio, barra, diedro, lances com nuts, bongs, pitons e cunhas, lances naturais, artificiais fixos e móveis, muita espera e tensão, temporais e raios de sol, mas... lá está a conquista.

Seria necessário escrever muito mais do que esse artigo para contar alguns lances marcantes do Diedro Salomyth e de como conseguimos vencer o desafio. Como por exemplo, além dos temporais incríveis enfrentados, a caixa de isopor para guardar o material (que lá ficou durante os quatro anos), a determinação do Daniel quando tudo parecia difícil, o longo intervalo de tempo que ficamos sem investir na conquista, a história do bêbado, do mutilado e do esclerosado, a participação de novos montanhistas que deram o seu apoio, a decisiva presença de Mário Arnaud que desde que lá foi a primeira vez, se apaixonou pela escalada, a investida final e a chegada emocionante ao cume, tudo isso e muito mais dá para escrever um livro. Mas ele está escrito no Dedo de Deus a cada palmo de nossa conquista e no coração de todos aqueles que participaram de algum modo para que ela fosse realizada. ●

(Santa Cruz)

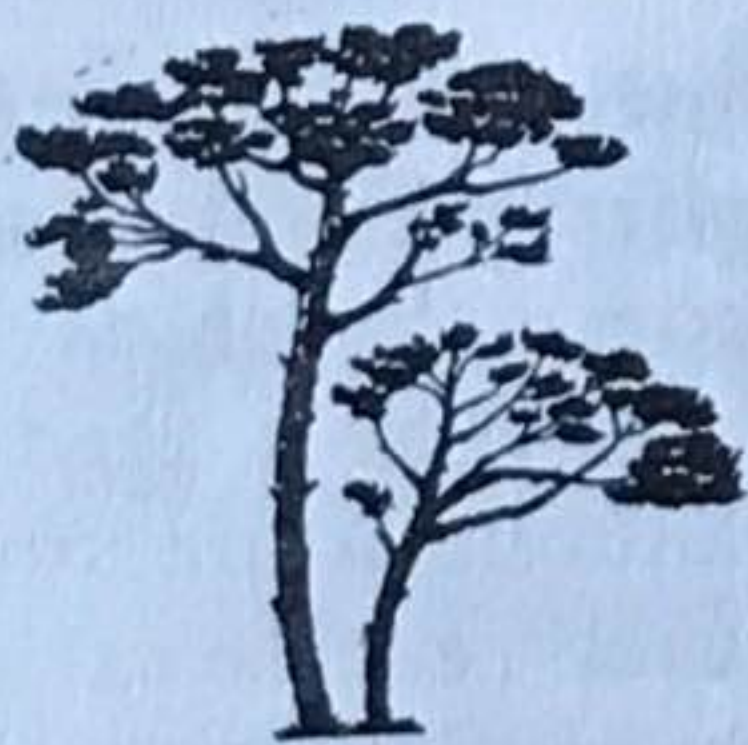
A morte das florestas tropicais

Este informe de Alan Grainger do qual selecionamos algumas partes, foi publicado na revista argentina Mutantia, extraído do The Ecologist, Journal of the Post Industrial Age, órgão que apresentou à ONU em 72 um Programa para Áreas Ecológicas do Mundo. Neste triste relato, tomamos conhecimento, por exemplo, de que uma área de florestas tropicais do tamanho de um campo de futebol é destruída quase à cada segundo, atualmente no mundo. A extensa pesquisa de Grainger simplesmente nos avisa de que algo anda muito mal.



As florestas tropicais úmidas descansam sobre um cinturão situado na linha do Equador estendendo-se a 23 e meio graus ao norte e ao sul dos Trópicos de Câncer e Capricórnio. Eles delimitam a maior parte das áreas de florestas tropicais úmidas, cujo tamanho foi estimado em 1976 em 935 milhões de hectares — equivalente aos Estados Unidos. Isto significa 71% da área total de florestas tropicais cerradas e quase 30% de todas as florestas do mundo.

Os cálculos de Adrian Sommer em 1976 mostram que a maior área está na América do Sul, cobrindo cerca de 472 milhões de hectares na região situada nas bacias próximas aos Rios Amazonas e Orenoco. Esta área não inclui uma extensão de 34 milhões de hectares ao longo do istmo centro-americano.



RITMO DE DESAPARIÇÃO

Se não estamos certos da extensão total das florestas tropicais úmidas, as estimativas sobre a velocidade em que estão desaparecendo também devem ser aproximadas. Adrian Sommer em 1976 calculava que uns 40% das flores-



tas tropicais úmidas haviam desaparecido. Isto é, ele calculava então, que a área total era somente uns 60% da área máxima potencial — a qual de acordo com considerações climáticas já deveria estar coberta por florestas tropicais úmidas.

A FAO estima a perda anual em 15 milhões de hectares — mais ou menos as áreas da Inglaterra e País de Gales juntos. Desse total, 2 milhões de hectares desaparecem cada ano na África, 5 milhões na Ásia e entre 5 e 10 milhões na América Latina.

O 8º Congresso de Cientistas Florestais Mundial declarou: “De acordo com nossos dados atuais, as florestas úmidas tropicais estão sendo destruídas a proporção de 30 hectares por minuto e o ritmo de destruição se acelera. Se isso continuar, as florestas deixarão de existir como bosques úteis em 40 ou 50 anos”. Segundo estes cálculos perdemos uma área de floresta úmida tropical do tamanho de um campo de futebol quase a cada segundo.

HABITANTES DOS BOSQUES — O ELO PERDIDO

Existem 200 milhões de pessoas vivendo no interior ou às margens das florestas, contando com elas para alimento e lenha, e também como matéria-prima para fazer roupas, casas e remédios. Aproximadamente 1 milhão são caçadores/coletores e apesar de que possam ser considerados entre os povos mais primitivos do mundo, seu conhecimento detalhado das florestas em que vivem se torna conhecido e respeitado cada vez mais por parte dos cientistas.

Entre 2 e 4 milhões de plantas e animais tem seu lar nas florestas úmidas tropicais. É nosso dever respeitar o direito de criaturas que são nossos semelhantes, de viver no ambiente que seja adequado para eles e manter a vegetação variada com que se alimentam.

A Malásia tem 7.900 espécies de plantas que dão flores, enquanto a Inglaterra tem somente 1.422. A proporção de espécies lenhosas na Malásia também é alta nas florestas úmidas tropicais — entre 30 e 35%, comparado aos 5% da



Europa Ocidental. Brunei, um diminuto estado a noroeste de Bornéu, tem uma área de somente 5.000 km², mas, um volume de 2.000 espécies nativas em sua flora arbórea. A Inglaterra com uma área terrestre de 313 mil quilômetros quadrados, tem o magro número de 35 espécies de árvores nativas.

A grande quantidade de plantas está ligada a grande diversidade da distribuição. Até 200 diferentes espécies de árvores podem ser encontradas em um hectare de floresta úmida da Malásia, e um hectare pode conter somente UM exemplar de espécie particular.

As florestas úmidas tropicais contêm um grande número de espécies ameaçadas: 276 mamíferos, 345 aves, 136 anfíbios e répteis, 99 peixes de água doce, e 20 mil plantas. Neste instante poderemos estar perdendo uma espécie por dia e essa cifra pode subir a uma espécie por minuto se as tendências atuais continuarem.

As plantas do mundo estão hoje debaixo de uma séria ameaça: das 250 mil plantas florentes catalogadas até agora — talvez a metade do total definitivo — 3 mil têm sido usadas como fonte de alimento, porém somente 150 delas têm sido cultivadas, ao contrário da simples coleta no estado silvestre. Umas vinte colheitas dominam a dieta diária dos povos do mundo, e elas vieram dos trópicos, domesticadas a partir de plantas silvestres assim como temos domesticado animais selvagens como vacas e ovelhas.



A MORTE DAS FLORESTAS: CONSEQUÊNCIAS CULTURAIS DO DESFLORESTAMENTO

Com a força do músculo e do cérebro, o pequeno símio que abandonou seu lar nas florestas africanas 14 milhões de anos atrás, e que se transformou no homo-sapiens há somente 100 mil anos, se converteu no animal dominante do planeta terra.

No entanto, perdemos a consciência comunitária de que nosso destino está estreitamente ligado a sobrevivência milhões de outros seres vivos do planeta. São eles que administraram as bases para tudo o que hoje fazemos, e é muito difícil reorganizar com máquinas os papéis cruciais que eles representam na manutenção da biosfera.

Talvez haja um desejo subconsciente de renegar as nossas origens animais e florestais, ou ainda, de destruir a selva, só porque se desenvolveu por meios puramente naturais num estado tão complexo que nunca poderemos ter a esperança de imitar. Qualquer que seja a razão, estejamos seguros de que a destruição das

florestas úmidas tropicais terá profundos efeitos sobre a cultura humana, visto que estamos profunda e inexoravelmente ligados aos bosques que, nas palavras de um cientista florestal francês, “é parte da alma do homem ainda que não sejamos conscientes disso”.

Estamos dando, é evidente, o abraço de morte em nossos parentes, os outros primatas que ficaram nas florestas e cuja existência está vinculada a esse seu habitat. Ameaçadas também estão as muitas tribos de caçadores/coletores que mantêm contato com a floresta que abandonamos e que não conseguem compreender a futilidade da nossa chamada civilização.

Se as florestas desaparecerem, algo de nós se extinguirá. Uma parte disso será tão indefinível quanto a inocência que uma criança perde ao se transformar em adulto, mas outra parte será tão dolorosa quanto a perda de um familiar.

A natureza silvestre, definida por Sir Frank Fraser Darling como “fator de estabilidade mundial e agente ativo da manutenção de um mundo habitável”, está se extinguindo e nossa preocupação não deve ser puramente sentimental. ●



A dignidade do ser humano,
mais que nunca, está hoje ameaçada.
Uma efetiva e ampla participação, em
prol de uma humanidade mais feliz, se faz
cada vez mais necessária, em todos os
setores, sejam quais forem.

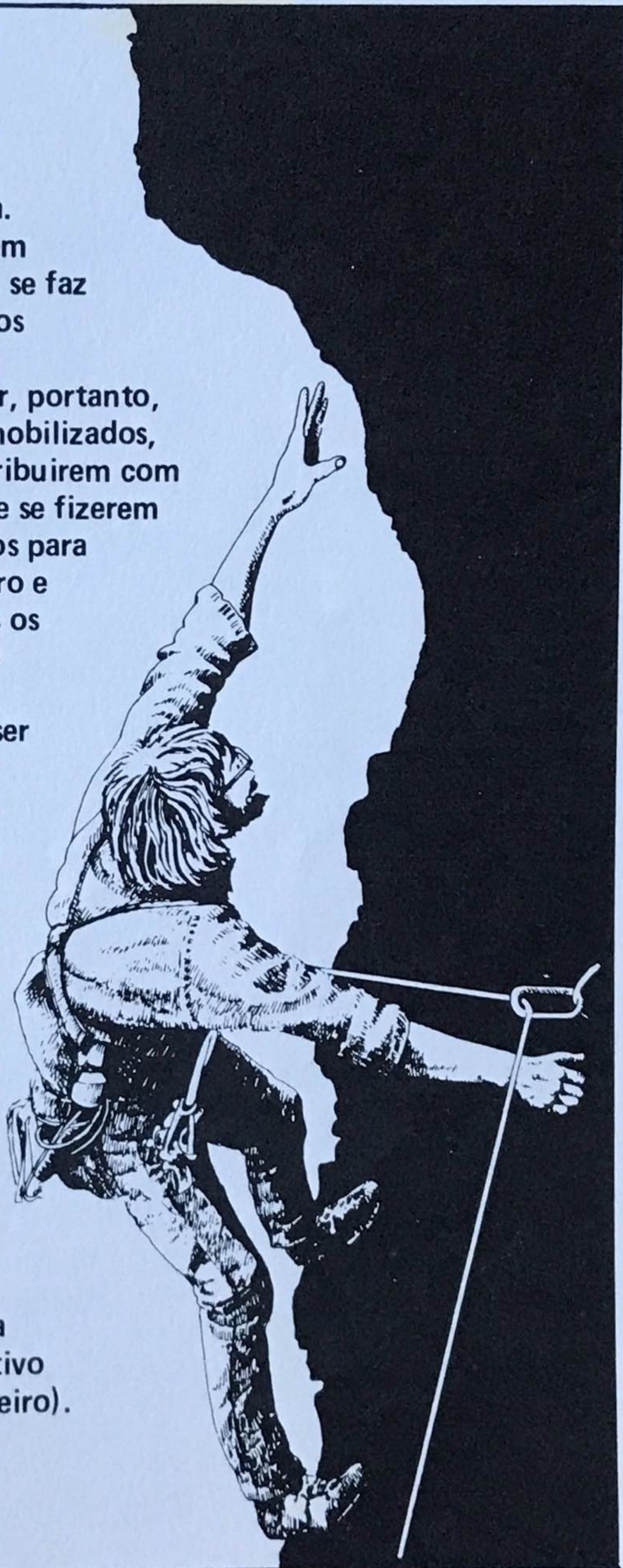
O CERJ, consciente disso, e sabedor, portanto,
de que não podemos permanecer imobilizados,
convoca todos os associados a contribuírem com
suas sugestões para as mudanças que se fizerem
necessárias no seu Estatuto. Teremos para
tanto, reuniões nos dias 13 de janeiro e
24 de fevereiro de 1983, com todos os
sócios interessados na reformulação
dos estatutos do CERJ.

As modificações sugeridas deverão ser
referendadas na Assembléia Geral
Extraordinária que está convocada
para o dia 24 de março de 1983,
às 19 horas em 1.^a convocação e
20 horas em 2.^a e última
convocação.

Nos Estatutos estão previstos os
objetivos do CERJ, sua
estruturação e os direitos e
deveres dos sócios. Os estatutos
são a nossa Magna Carta.
Contamos com a participação de
todos.

Rio, 9/12/82

(Decisão aprovada por aclamação na
100.^a reunião do Conselho Deliberativo
do Centro Excursionista Rio de Janeiro).





Compareçam:

dias

16.12 FESTA DE NATAL

20.01 ANIVERSÁRIO DO CERJ

24.03 ASSEMBLÉIA GERAL EXTRAORDINÁRIA

DESTINATÁRIO:

impresso

CENTRO EXCURSIONISTA RIO DE JANEIRO
Av. Rio Branco, 277 / 805 – Edifício São Borja
Tel. 220.3548 – Reuniões às Quintas Feiras às 19 horas
* CEP 20047 – Rio de Janeiro – RJ